

ARTE E SUSTENTABILIDADE: *UPCYCLING ART* E SEUS REFLEXOS NA ESCULTURA CONTEMPORÂNEA

Ticiano Nemer¹

RESUMO: A preservação do nosso planeta é uma das problemáticas mais importantes nos tempos atuais, sendo objeto de grande preocupação e intensos debates. Dentre os diversos conceitos que emergiram dessa discussão, a noção de sustentabilidade vem ganhando relevância e aplicabilidade em todos os âmbitos da nossa sociedade, reverberando de forma particularmente aguda na arte contemporânea. Preocupados com questões emergenciais que colocam em risco o futuro da humanidade, da natureza e da Terra, muitos dos artistas atuais buscam implementar a prática sustentável como elemento norteador de sua poética artística. O presente artigo busca estudar essa relação entre a arte e a sustentabilidade, aprofundando a sua análise através da compreensão do conceito de *Upcycling Art* e dos seus reflexos na escultura contemporânea. Para melhor ilustrar essa investigação, será apresentado a atual práxis escultórica do próprio autor, realizada na fábrica *Mundet*, no Seixal, Portugal. Essa pesquisa pretende demonstrar como o *Upcycling Art* consegue desempenhar um importante papel sociocultural, econômico e ambiental, usando a sustentabilidade como instrumento de denúncia, de conscientização e de transformação comportamental.

Palavras-chave: sustentabilidade; *upcycling art*; escultura; fábrica *Mundet*.

ART AND SUSTAINABILITY: *UPCYCLING ART* AND ITS REFLECTIONS ON CONTEMPORARY SCULPTURE

ABSTRACT: The preservation of our planet is one of the most important problems in the current times, being the object of great concern and intense debates. Among the various concepts that emerged from this discussion, the notion of sustainability has been gaining relevance and applicability in all areas of our society, reverberating particularly acutely in contemporary art. Concerned with emergency issues that jeopardize the future of humanity, nature and the Earth, many of today's artists seek to implement sustainable practice as a guiding element of their artistic poetics. This article seeks to study this relationship between art and sustainability, deepening its analysis through the understanding of the concept of *Upcycling Art* and its reflections on contemporary sculpture. To better illustrate this investigation, the current sculptural praxis of the author himself, carried out at the *Mundet* factory, in Seixal, Portugal, will be presented. This research aims to demonstrate how *Upcycling Art* manages to play an important sociocultural, economic and environmental role, using sustainability as an instrument of denunciation, awareness and behavioral transformation.

Keywords: sustainability; *upcycling art*; sculpture; *Mundet* Factory.

¹ Doutorando em Belas Artes pela Universidade de Lisboa. E-mai: rottensteinticiano@gmail.com

Introdução

Em uma época marcada por grandes catástrofes ambientais, sociais e econômicas, as problemáticas da ecologia e da sustentabilidade tornaram-se elementos fulcrais dentro do discurso contemporâneo. No atual mundo capitalista, onde o consumo é um dos seus principais pilares, um grande desafio emergencial se apresenta para a nossa geração e, as decisões tomadas no presente, impactarão de forma irreversível o futuro do nosso planeta.

Visando reverter uma perspectiva que se anuncia “apocalíptica”, vemos emergir nas últimas décadas uma nova forma de consciência coletiva, que clama por mudanças sociais e ambientais profundas, embora ainda encontrando muita resistência e negacionismo. Desse contexto nasce o conceito de sustentabilidade, que busca uma nova forma de relação entre o homem e o mundo, onde haja um equilíbrio saudável entre o desenvolvimento e a preservação da natureza e dos recursos. Esse conceito sustentável encontra-se em plena expansão e já permeia a prática de diversos âmbitos da sociedade, como na economia, na indústria, no turismo, entre outros.

Nas artes plásticas não poderia ser diferente e a sustentabilidade constitui uma tendência cada vez mais popular. Muitos dos artistas atuais, desafiados pela saga de destruição e catástrofes, buscam responder a essas inquietações por meio de uma prática sustentável. Dessa forma, foram surgindo ao longo das últimas décadas diversas correntes artísticas ligadas à temática.

O presente artigo busca estudar qual é o papel da arte nas práticas sustentáveis e qual o papel da sustentabilidade na arte, tendo como principal objetivo compreender como funciona o conceito de *Upcycling Art* e quais são os seus reflexos dentro da escultura contemporânea. Para uma melhor percepção sobre o tema, será analisada a práxis escultórica do próprio autor, onde se busca aplicar a noção de *upcycling* na escultura, como ferramenta de restauração da memória e preservação da história do patrimônio industrial abandonado.

Arte e sustentabilidade

O conceito de desenvolvimento sustentável vinha sendo discutido pela ONU desde a década de 1970 e ganhou a sua primeira versão oficial em 1987, através do documento “Nosso Futuro Comum”, no relatório de Brundtland: “O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades.”¹

Na atualidade, existe uma visão mais biocêntrica e holística sobre a noção de sustentabilidade, deixando de lado sua concepção antropocêntrica e incorporando o bem-estar e preservação de todos os seres vivos e do planeta como um todo. Esse conceito aplica-se em todos os tipos de escalas, desde uma pequena comunidade ao global e seus três pilares principais são: a economia, a sociedade e o meio ambiente; dimensões inerentemente interdependentes e concomitantes. Essa tríade serve como base conceitual para o desenvolvimento teórico e prático do conceito de sustentabilidade em todos os âmbitos, inclusive no artístico.

Embora seu conceito tenha sido desenvolvido tardiamente, a noção de sustentabilidade encontra-se presente no universo artístico há muito tempo. Por exemplo, durante a revolução industrial dos séculos XVIII e XIX, os pintores Românticos retratavam a natureza de forma arruinada e desolada. John Ruskin (1819-1900) afirmava que a natureza parecia sujeita a uma erosão alarmante: seus contornos começaram a se confundir, suas formas a se dissolver. Ele expressava sua angústia com a aparente decomposição da paisagem e afirmava que a pintura de sua época se distinguia por uma certa perda de integridade formal: tornara-se esfumaçada, nublada, nebulosa. A natureza passara a se assemelhar à atmosfera turva da cidade moderna ou do interior industrial (RUSKIN, 2015, pp. 157).

A sustentabilidade nas artes ganha força, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, em especial nas décadas de 1960 e 1970, período marcado

1 Disponível em *United Nations General Assembly (March 20, 1987). "Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future; Transmitted to the General Assembly as an Annex to document A/42/427 - Development and International Cooperation: Environment; Our Common Future, Chapter 2: Towards Sustainable Development; Paragraph 1". United Nations General Assembly.*

por manifestações estudantis, movimentos de contracultura, fortes contestações aos modelos de sociedade vigentes e ideais pacifistas. Muitos dos artistas dessa geração enxergaram na ecologia e na sustentabilidade uma forma de expressar poeticamente os seus ideais, dando origem a diversas vertentes artísticas, como a Arte Ambiental, a *Land Art*, a Arte Ecológica, a *Art in Nature*, *Arte Povera*, entre outras.

Perpetuando a poética sustentável criada na segunda metade do século XX, os artistas atuais adicionaram alguns elementos mais dramáticos. No século XXI, a percepção de viver em uma sociedade arruinada acentuou-se. Com a popularização do advento da internet, redes sociais e meios de informações variados, mudou-se a percepção do tempo e do espaço. A globalização da comunicação e a instantaneidade da notícia geraram uma amplificação e aceleração da nossa visão sobre o mundo e os seus acontecimentos. Somos “bombardeados” diariamente com notícias de catástrofes, caos e guerras; as consequências desse excesso de informação “apocalíptica” reverberam em todos os âmbitos criativos.

A perspectiva de ruína planetária por meio de desastres nucleares, guerras, mudança climática ou outras catástrofes ambientais e pandêmicas permitiu alimentar novas fantasias e apreensões ruinsas. Nesse contexto, a profundidade histórica e as perspectivas futuras coincidem em um presente absoluto em que, a complexidade do presente faz com que o futuro seja inimaginável. Representando alguns dos principais questionamentos e apreensões do homem contemporâneo, a arte sustentável torna-se um gênero muito presente na arte atual e pode ser constatado por meio da proliferação de sua temática em exposições, revistas, livros, publicações e outros meios de comunicação.

Upcycling art

A sociedade atual, focada no consumo, gera uma imensa quantidade de resíduos e a reciclagem se tornou um instrumento fundamental para conter esse desperdício. Na concepção moderna, existem dois tipos de reciclagem. A *downcycling* é aquela reciclagem tradicional, que consiste em transformar os materiais descartados em novos produtos com menor qualidade. Já o conceito de *upcycling*, também conhecido como reutilização criativa, consiste na criação de novos objetos ou produtos a partir de materiais descartados ou sem

utilidade. Busca-se conservar suas características e estéticas originais e, ao mesmo tempo, dar-lhes uma nova função em relação ao que foram inicialmente planejados.

O *upcycling* pretende criar algo novo e ambientalmente consciente através do processo criativo, com um valor agregado superior ao objeto original, seja ele em termos econômicos, sociais, culturais ou estéticos. Sua premissa é de utilizar materiais que, em tese, estariam no final do seu ciclo de vida, dando-lhes uma segunda utilidade e prolongando a sua existência de forma ambientalmente consciente. Além da simples valorização estética e utilitária do objeto descartado, o *upcycling* permite atribuir uma mensagem política ao produto final, denunciando nosso modo de vida e o consumo desenfreado.

De acordo com Zimring (2016, p.11), a origem do termo foi utilizada pela primeira vez em 1994 pelo engenheiro alemão Reine Plitz, em entrevista para Kay Thornton, da empresa Salvo: “eu chamo isso de downcycling. Eles quebram tijolos, concreto, eles quebram tudo. O que precisamos é de upcycling, onde é dado mais valor aos produtos antigos e não menos.” (PLITZ, 1994).

O termo *upcycling* foi popularizado em 2002, através do livro “*Cradle to Cradle: remaking the way we make things*” de William McDonough e Michael Braungart, onde a ideia de *upcycling* foi associada a uma proposta de exigência ecológica máxima, com nenhuma poluição e uma reciclagem total do que seria descartado. A reutilização criativa também desempenha um papel sócio-econômico ao se inserir na lógica da Economia Circular ², permitindo a geração de novas fontes de renda e trabalho às pessoas, através da fabricação autônoma dos seus próprios objetos, a partir do seu próprio descarte.

Embora a sua conceitualização seja relativamente nova, esse método de *upcycling* é usado há muito tempo, especialmente em países mais pobres onde o acesso aos bens de consumo é mais limitado e a coleta de lixo muito precária. Nesses casos, a reutilização criativa sempre foi uma necessidade fundamental para gerar um bem estar ao povo. Essa tendência encontra-se em plena expansão em todo o mundo, que enxerga nela uma boa alternativa para frear o consumo

² Inspirada nos ciclos dos ecossistemas naturais, a Economia Circular é um conceito que busca reduzir, reutilizar, recuperar e reciclar materiais e energia. Pretende substituir o conceito de economia linear e sua noção de fim-de-vida dos produtos e, ao mesmo tempo, criar uma sistema que permita conciliar desenvolvimento econômico com a diminuição de consumo de recursos.

exacerbado do mundo moderno, preservando os nossos recursos naturais, diminuindo a poluição, reduzindo o consumo de energia e a emissão de gases de efeito estufa.

No âmbito das artes plásticas contemporânea, existe a corrente chamada *Upcycling Art*, mas esse conceito de reutilização criativa vem sendo desenvolvido desde o início do século XX, embora ainda não houvesse naquele momento uma clara noção de reciclagem e, tampouco, fosse considerado como um movimento artístico autônomo. Nesse sentido, Marcel Duchamp (1887-1968) foi um dos precursores ao criar o conceito do *Ready Made* (ou *Objet Trouvé*). Sua ideia consistia em integrar, dentro dos seus trabalhos artísticos, objetos já sem utilidade na sua função original ou cotidiana. Dessa forma, esses materiais que antes eram marginalizados, passaram a ser legitimados e valorizados como autênticos trabalhos de arte, permitindo, também, questionar e satirizar o valor atribuído à arte, como por exemplo nas suas célebres obras “Roda de bicicleta” (1913) e “Fonte” (1917).

(...) os contatos entre os dejetos e a arte foram multiplicados, o que deu lugar ao desenvolvimento de diversas estéticas do dejetos. Ou melhor, em uma formulação mais abrangente, o dejetos pôde penetrar naquilo que há muito é considerado como o círculo interior da cultura: o campo estético (MOSER, 1999, p. 89).

Ao longo do século XX, muitos artistas trabalharam dentro dessa poética do *upcycling*, manifestados por meio das mais variadas linguagens e técnicas, como instalações, performances, assemblages, esculturas, pinturas, vídeos, fotografias, entre outras. A *Arte Povera* é um dos exemplos mais marcantes nesse sentido. Seus atores se recusaram a estar presos em uma definição sobre a sua identidade e rejeitaram sua caracterização como um movimento artístico, mas, sim, como uma atitude. Ser artista da *Arte Povera* significava adotar um comportamento que consistia em desafiar a indústria cultural e, de forma mais ampla, a sociedade de consumo e o capitalismo. Essa recusa de identificação e forte posição política se manifestam por uma atividade artística que também privilegiava o processo, ou seja, o gesto criativo em detrimento do objeto acabado. Processo esse que consistia principalmente em dar significância a objetos insignificantes. Encontra-se presente em grande número de trabalhos da *Arte Povera* a utilização de materiais banais, da natureza e do lixo.

A frequente referência à natureza era considerada como ponto de apoio do qual se tornava possível criticar o presente. Nesse sentido, seus artistas participaram plenamente da

reflexão sobre a dialética entre natureza e cultura, assim como sobre o caráter efêmero da produção artística. O empobrecimento da arte representava, conceitualmente, o empobrecimento da sociedade, realizando uma dura crítica à sociedade que desconsidera a desigualdade social, a ecologia e a sustentabilidade.

Na contemporaneidade, os artistas do *Upcycling Art* inspiram-se nos trabalhos dos seus predecessores, embora buscando uma poética conceitual e estética adaptada à realidade deste novo século, incorporando elementos inspirados nos recentes eventos: as catástrofes ambientais; o aquecimento global e mudanças climáticas; o empobrecimento da população; a extinção massiva dos animais; a desflorestação; a penúria de água; a poluição; a escassez de recursos; o lixo; entre outros. Segundo Makarius (2011, p.236), preocupados com a inserção da sustentabilidade e da ecologia nos seus trabalhos e conscientes das potenciais transformações socioculturais, econômicas e ambientais que a arte pode gerar, esses artistas incorporam um discurso ainda mais engajado e crítico politicamente e um maior ativismo ecológico. Nesse sentido, uma grande parte dos trabalhos de hoje representam ou denunciam, de forma implícita ou explícita, não apenas o fracasso econômico, mas também ideológico, propondo uma ruptura com o modelo capitalista e com os seus efeitos destrutivos ao nosso planeta.

O *upcycling* na escultura contemporânea

No século XXI, a manifestação da poética do *upcycling* na escultura tornou-se um reflexo da própria imagem do mundo contemporâneo, no qual o sentido se dispersou em ramificações infinitas. Diante de uma multiplicidade de contextos ambientais, sociais, econômicos e políticos, assim como de uma grande diversidade de atores, problemáticas e interpretações, a análise do gênero da sustentabilidade torna-se cada vez mais complexa e heterogênea na atualidade.

(...) os artistas expandiram progressivamente os limites da arte à medida que procuravam se envolver com um ambiente cada vez mais pluralista. O ensino, a curadoria e a compreensão da arte e da cultura visual também não estão mais fundamentadas na estética tradicional, mas centradas em idéias, tópicos e temas significativos, que variam do cotidiano ao estranho, do psicanalítico ao político (DILLON, 2011, p. 10).

Podemos apontar diversas semelhanças processuais, conceituais e plásticas do gênero escultórico do *upcycling* atual com aquele da segunda metade do século XX, como o frequente uso de objetos banais do cotidiano, elementos da indústria, da natureza e do lixo como matéria prima para a composição das esculturas. Observa-se também o abandono dos suportes tradicionais e uma diluição de fronteiras entre as formas artísticas ao mesclar técnicas, linguagens e estilos. Existe uma tentativa de fundir a arte com a vida e do espectador com a obra; assim como há uma valorização do processo em detrimento do trabalho final. Nesse sentido, em muitos casos, o valor da ideia sobrepõe-se à imagem, priorizando o conceito e a atitude ao próprio trabalho artístico final. Não basta somente produzir arte, há também que pensar na arte.

Essa abordagem da sustentabilidade na escultura está inserida dentro de um período histórico em que o ataque à materialidade urbana e arquitetônica é visto como um símbolo de contestação geopolítica. Podemos citar como exemplo, o artista Beninense Romuald Hazoumé (1962), que é um dos grandes destaques da arte contemporânea africana. Seu trabalho de cunho abertamente político, aborda de forma irônica e poderosa as consequências da corrupção e do consumismo e suas consequências negativas ao continente africano.

Há 30 anos atrás, começou a criar trabalhos com recipientes de plástico usados para transportar ilegalmente gasolina da Nigéria, transformando-as em “máscaras” tribais. Além de remeter a sua ancestralidade, esses trabalhos denunciam o capitalismo ocidental e seu impacto na cultura, econômico e ambiental em sua terra natal. Ao explicar essas esculturas de máscaras, que receberam aclamação da crítica na exposição “*Out of Africa*”, na Saatchi Gallery, ele sugeriu que “estava enviando de volta para o oeste o que lhes pertencia, isto é, o lixo da sociedade de consumo que nos invade todos os dias.” (HAZOUÉMÉ, 1992).

Nos últimos anos, muitos artistas se voltaram para temas e imagens de decadência e destruição, mais especialmente, os restos de edifícios e paisagens que agora parecem relíquias do século passado. Tem havido uma proliferação (...) de trabalhos que exploram (muitas vezes de modo melancólico, mas frequentemente também com um senso de materialidade ainda bruta) as ruínas da arquitetura Modernista, a infra-estrutura extinta da guerra fria, territórios dizimadas por desastres industriais ou ambientais, as

reliquias da arrogância económica das últimas décadas do século XX (DILLON, 2011, p. 10).

Dentro desse diálogo entre escultura e *upcycling*, podemos observar que os alguns artistas buscam não somente denunciar e confrontar, mas também apontar novos caminhos sustentáveis através da arte. Nessa lógica, encontram-se os artistas alemães Wolfgang Winter (1960) e Berthold Hörbelt (1958), que vêm realizando uma série de trabalhos em conjunto desde 1992, sob o nome de Winter & Hörbelt. Por meio do uso de diferentes materiais industriais reutilizáveis, eles criam trabalhos *in situ* que interagem com as qualidades físicas e sociais de um lugar, gerando uma real “utilidade” para a população. Uma grande parte dessas obras é feita com caixas de estoque de bebidas, a partir das quais constroem-se fortalezas monumentais; sofisticadas construções que transitam entre as fronteiras da escultura e arquitetura.

Os artistas descobriram, nessas caixas recicladas e sólidas, um material com potencial criativo e se comprometem no seu aprimoramento por meio de construções que lhes dão um novo significado. Suas instalações são precárias no sentido de que podem ser facilmente demolidas em função das necessidades, ou colapsar como resultado de um choque violento. Com formas esteticamente atraentes, elas podem ser vivenciadas “de dentro para fora” e são locais de interação pública dinâmica. Tanto o valor social, quanto o artístico das caixas são combinados nessas novas formas e o interesse dos artistas na revitalização do espaço público através do *upcycling* é um aspecto envolvente de seu trabalho.

Estudo de caso: fábrica *Mundet*

A poética das ruínas e do abandono sempre estiveram presentes no meu imaginário e venho pesquisando há anos a sua correlação com a arte. Nesse sentido, estudo questões relativas ao descarte e as ruínas como elementos materiais, conceituais e estéticos na elaboração de uma produção artística.

Atualmente me interessa compreender como podemos utilizar a prática escultórica, de forma sustentável e ecológica, para poder dialogar artisticamente com o abandono patrimonial industrial, restaurando a sua memória e preservando a sua história. Tentando

solucionar essa problemática, determinei um estudo de caso preciso para nortear esse processo: as ruínas da fábrica *Mundet*, no Seixal, Portugal.

A *L. Mundet & Sons*, também conhecida como fábrica *Mundet*, foi fundada em 1905 na Quinta dos Franceses, no concelho do Seixal. Era uma indústria de fabricação de cortiça e logo se tornou uma das maiores exportadoras desse tipo de produto no mundo. No seu auge, chegou a empregar mais de 2.500 pessoas, sobretudo mulheres. Na segunda metade do século passado, devido a criação de novos materiais concorrentes à cortiça, a fábrica entrou em um processo de decadência. Durante esse período de crise, houveram diversos movimentos de lutas sociais que buscavam a manutenção das suas atividades, mas a fábrica acabou fechando em 1988.

Pela sua localização estratégica no território, a fábrica influenciou fortemente o crescimento urbano da antiga vila do Seixal, assim como impactou no seu desenvolvimento econômico e sociocultural ao longo do século XX. Ciente do seu importante caráter histórico e cultural para o concelho, a Câmara Municipal do Seixal adquiriu-a em hasta pública em 1996, tornando-a património municipal. Com o intuito de preservar a sua memória, ela foi objeto de um processo de musealização e durante as últimas décadas, parte do seu complexo industrial vem sendo restaurado com o intuito de criar um importante pólo sócio-cultural, gastronômico, artístico, esportivo, turístico e de lazer. Embora estejam acontecendo essas iniciativas de revitalização, uma boa parte da Fábrica ainda se encontra em total estado de abandono. Inclusive, no interior de diversos espaços, há uma grande quantidade de mobiliários, de maquinários, de documentos, roupas e diversos outros objetos originais. São esses espaços arruinados e os seus descartes que interessam nesse projeto.

O objetivo da pesquisa consiste em utilizar as ruínas da *Mundet* como elemento fulcral teórico-prático, buscando, a partir do *upcycling* do seu descarte, criar esculturas, assemblages e instalações que dialoguem com as suas memórias e histórias. Esse trabalho busca contar uma estória, não necessariamente a “verdadeira” história, mas sim aquela construída a partir da minha subjetividade e expressada através do uso criativo da arte. As inspirações para a construção dessa narrativa vêm de todas as partes: das fontes oficiais provenientes de documentos históricos, pesquisas bibliográficas e entrevistas com historiadores; das memórias afetivas de ex-funcionários e habitantes do Seixal e, sobretudo;

da carga histórica e de memória proveniente de cada objeto e escombro que compõem essa poética.

Figura 1: “Legado Mundet 2”, 2021



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 2: “Legado Mundet 2”, 2021



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Dentro desse processo, estão sendo criados diversos trabalhos escultóricos, de *assemblage* e de instalações que dialogam com as memórias e histórias da fábrica. Como exemplo, podemos citar as esculturas/*assemblages* intituladas “Legado Mundet I e II”, feitas a partir de gavetas e centenas dos mais variados objetos descartados. Ao ensamblar as gavetas e ressignificar o seu interior a partir dos objetos resgatados, foram criadas formas similares a altares e oratórios religiosos. Esses trabalhos me remetem a uma espécie de culto e adoração ao abandono, com uma forte presença sacra e espiritual.

Figura 3: “Legado Mundet 1”, 2021



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Processualmente, relacionam-se com o trabalho de um arqueólogo que busca, a partir de vestígios, reconstruir uma história fragmentada. É inevitável, durante todo esse processo, recordar da minha infância na cidade histórica de Ouro Preto, no Brasil; quando meu sonho era ser arqueólogo e passava os dias escavando os jardins da casa da minha família. Me lembro de encontrar diversos objetos datados de séculos anteriores como crucifixos,

cachimbos, utilitários em ferro, entre outros. Essa paixão pela antiguidade sempre esteve presente desde criança, mas ao chegar na adolescência meu foco de interesse mudou para outras atividades e o entusiasmo pelo passado ficou, de certa forma, adormecido. Agora, percebo que esse trabalho “arqueológico” atual me remete às minhas memórias afetivas da infância; resgatando, de alguma forma, as minhas origens de explorador infantil do abandono. Também observo a forte influência do singular Barroco Mineiro e enxergo nas minhas construções, uma inspiração inconsciente dos interiores das suas igrejas e das capelas e dos frequentes passeios com meu pai por esses lugares.

Figura 4: Exposição individual “Construção Residual”, Cisterna, Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, novembro de 2021.



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 5: detalhes de “Legado Mundet 1”, 2021



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Considerações finais

O conceito de sustentabilidade encontra-se cada vez mais presente no universo da arte contemporânea. Os recentes desastres ambientais, sociais e econômicos, assim como as apreensões quanto ao futuro do planeta reverberam fortemente na produção de muitos artistas atuais, que encontram na arte uma potente ferramenta para expressar essas inquietações.

Inspirado na reutilização criativa, o *Upcycling Art* é uma das correntes da arte sustentável mais popular na atualidade. Correspondendo a uma adaptação contemporânea de uma poética já praticada no século passado, ela vem ganhando contornos mais dinâmicos e dramáticos dentro do conturbado contexto histórico atual. O universo escultórico também incorpora a sustentabilidade como uma das suas principais problemáticas e as esculturas em *upcycling* buscam, de maneira implícita ou explícita, não somente denunciar e debater, mas também conscientizar e apontar novos caminhos. Nesse sentido, o escultor que trabalha com *upcycling* é, mesmo que de forma involuntária, um ativista ambiental e político. O uso de objetos ou materiais descartados remete inevitavelmente ao consumismo exacerbado e denuncia o fracasso do modelo de sociedade vigente.

A partir do estudo de caso sobre as ruínas da Fábrica *Mundet* e o uso do *upcycling* na escultura como ferramenta de salvaguarda da memória do patrimônio industrial abandonado, busca-se debater sobre a relevância da arte sustentável para a sociedade. Por um lado, pretende-se contribuir com a preservação da história e a transmissão das memórias de um importante patrimônio industrial do Seixal e de Portugal. Por outro, tenciona-se potencializar a arte como uma poderosa ferramenta de conscientização pública, ao atravessar instigantes fronteiras como a preservação patrimonial, histórica e identitária; a sustentabilidade e a ecologia.

Ao questionar o estilo de vida atual e exigir mudanças, a arte aponta novos caminhos e prepara uma nova consciência; por meio da sensibilização e da denúncia, ela alerta e gera reflexões. Temos como dever de criar uma interação mais saudável e harmoniosa com o planeta e a sustentabilidade é um elemento central nessa mudança de consciência coletiva.

Referências

BRAUNGART, Michael; MCDONOUGH, William. **Cradle to Cradle : remaking the way we make things**. New York:North Point Press, 2002.

DILLON, Brian. **Ruins**. London: Whitechapel Gallery, 2011.

MAKARIUS, Michel. **Ruines: Représentations dans l’art de la Renaissance à nos jours**. Paris: Flammarion, 2011.

MOSER, Walter. **Esthétiques du déchet**. In: VILLENEUVE, Johanne; NEVILLE, Brian; DIONNE, Claude. *La mémoire des déchets: essais sur la culture et la valeur du passé*. Québec: Nota Bene, 1999.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da Memória**, trad. M.L. Pinheiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

ZIMRING, Carl A. **Upcycling in History: Is the Past a Prologue to a Zero-Waste Future? The Case of Aluminum**. In: “A Future without Waste? Zero Waste in Theory and Practice,” edited by Christof Mauch, *RCC Perspectives: Transformations in Environment and Society* 2016, no. 3, 45–52. doi.org/10.5282/rcc/7542.

Recebido em 30/01/2022.

Aceito em 30/03/2022.